

## **Feminicídio além de gênero: quem são as mulheres vítimas da violência no Rio Grande do Sul<sup>1</sup>**

Eduarda ENDLER<sup>2</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

### **RESUMO**

O presente artigo pretende resgatar reportagens sobre casos de feminicídio no estado do Rio Grande do Sul, datadas no ano de 2023 do G1RS. A partir da seleção dos textos, pretende-se analisar o conteúdo (Bardin, 2011) das matérias, em especial se o veículo divulga quem são as mulheres vítimas para além do gênero (Solnit, 2017), considerando a raça das mesmas (Bento, 2022). Enquanto resultados provisórios, percebe-se que é necessário a dedicação e implementação dentro das redações de novas boas práticas, que abordam informações que vão além do fato por si só.

**PALAVRAS-CHAVE:** feminicídio; gênero; mídia; jornalismo.

A opressão não possui uma forma singular. Ela acontece diariamente na vida de qualquer pessoa que não se encaixe nos padrões normativos da sociedade patriarcal em que o Brasil vive atualmente. No caso da violência contra a mulher, ela começa com palavras duras, xingamentos e explosões no comportamento. Seguido de empurrões, socos e tapas. A cada dia que passa, ela fica mais e mais dura, conforme o passar do tempo, até chegar no mais absoluto controle sobre o direito de viver: o feminicídio.

Esses crimes são maneiras de silenciar as pessoas, de negar a voz e a credibilidade. Segundo Solnit (2017), a violência é uma forma de afirmar que o direito de uma pessoa controlar outra vale mais do que o direito de ela existir ou viver. Há um poder que se expressa e consegue, muitas vezes, silenciar, apagar e aniquilar as mulheres enquanto pares e seres humanos com direitos.

Conforme a autora, existe um padrão de ações contra as mulheres que com frequência é ignorado e segue se repetindo. Casos envolvendo pessoas famosas ou com detalhes escandalosos ganham atenção da mídia, mas outros casos, como os locais, são tratados como comuns. Para ela, a abundância de pequenas notícias locais sobre violência contra as mulheres forma uma espécie de pano de fundo para os noticiários.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos da Comunicação, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

<sup>2</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos/PUCRS. Mestra pelo Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos/PUCRS. Jornalista formada pelo Curso de Jornalismo da Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos/PUCRS. eduarda.lopes90@edu.pucrs.br.

Temos uma abundância de estupros e violência contra a mulher nos Estados Unidos e no planeta, embora quase nunca seja tratado como uma questão de direitos civis ou direitos humanos, ou uma crise, ou mesmo um padrão geral de comportamento. A violência não tem raça, nem classe, nem religião, nem nacionalidade; mas tem gênero (SOLNIT, 2017, p. 33).

Essa violência também é autoritária, em que os homens acreditam na premissa de que são donos e podem ter controle sob as mulheres. A forma mais brutal, o assassinato, é a versão mais extrema do autoritarismo: “quando o assassino afirma que tem o direito de decidir se você vai viver ou morrer - o meio mais extremo de controlar alguém (SOLNIT, 2017, p. 40)”.

Neste sentido, quando uma mulher “ousar” romper o relacionamento com o seu parceiro, uma possível consequência é o feminicídio, em um sistema de controle. Ou seja, elas se mantêm aprisionadas aos agressores por temerem a própria morte, sobrevivendo às ameaças, murros, menosprezo e outras formas de violência, que às vezes também chegam nos filhos, pelos quais temem que fiquem órfãos e traumatizados.

Essa escolha, de matar ou deixar viver, mostra os limites da soberania e seus atributos. As causas que circulam as mortes das mulheres não são definidas como patológicas ou até com características individuais, mas, sim, expressam crimes de poder, porque reproduzem uma lógica de submissão a um poder, advindo do homem.

### **Femicídio além de gênero**

Apesar dos índices mostrarem as mulheres negras como maiores vítimas do feminicídio, na cobertura jornalística da violência pouco se discute a questão de raça, na maioria das vezes, esse marcador nem sequer é mencionado. Conforme o Manual Universa para Jornalistas: Boas Práticas na Cobertura da Violência Contra a Mulher, lançado em 25 de novembro de 2020, data marcada pelo Dia Internacional de Combate à Violência Contra a Mulher, o jornalista necessita fazer um checklist para a apuração.

Entre os apontamentos, o manual sugere questionar informações sobre características da vítima, como raça, orientação sexual, identidade de gênero e situação de vulnerabilidade. Mesmo que cada veículo possui suas regras de como abordar determinados assuntos na redação, manuais que tocam em temas sensíveis e ainda tabus

para a sociedade e de questões de segurança pública, enxerga-se a necessidade de valorizar e seguir tais recomendações.

Mas por que, afinal, pouco se fala em outros marcadores na cobertura jornalística, como raça e orientação sexual? Será que o pacto de branquitude, conceito criado por Cida Bento (2022), que define quando pessoas brancas perpetuam ações de exclusão, sem verbalizar, para manterem seus privilégios, sai das organizações e afeta, mesmo que sem sentir ou se fazer notar, a forma com que os jornalistas cobrem os casos de feminicídio que ignora quem são as mulheres vítimas de feminicídio?

O pacto narcísico (Bento, 2022) já questiona, como a diversidade e a equidade, que tanto se fala nas redações de jornalismo, se aplicam se a maioria das lideranças e do quadro de funcionários é composta quase exclusivamente de pessoas brancas? A consequência disso é um apagamento do marcador racial na cobertura da violência contra a mulher, em que o fenômeno evidencia a urgência de incidir na relação de dominação de raça e de gênero, que ocorre nas organizações e é cercada pelo silêncio.

## **Análise**

Para a realização deste trabalho, será utilizada a metodologia de Análise de Conteúdo. Conforme Bardin (2011), esse tipo de procedimento metodológico tem como objetivo superar a incerteza, questionando se a leitura é válida e generalizável; e, enriquecer a leitura, procurando demonstrar o propósito das mensagens e o esclarecimento de elementos de significações suscetíveis de conduzir uma descrição de mecanismos.

Optou-se, dessa forma, primeiramente, por analisar os casos de feminicídio divulgados pelo G1RS, que aconteceram no Rio Grande do Sul em janeiro e fevereiro deste ano, para verificar se há identificação de raça dessas mulheres. Posteriormente, pretende-se analisar o restante do ano de 2023. No primeiro mês, foram nove mortes; no segundo, seis, conforme dados da Secretaria da Segurança Pública (SSP). Seguindo a metodologia de Bardin (2011), o *corpus* deste trabalho é composto por cinco matérias jornalísticas encontradas no site do veículo, visto que nem todos os 15 casos do período foram divulgados, apenas cinco deles.

Segundo Bardin (2011, p. 148), “classificar elementos em categorias impõe a investigação do que cada um deles tem em comum com os outros. O que vai permitir o seu agrupamento é a parte comum existente entre eles”. Seguindo a metodologia escolhida, as categorias selecionadas incluem identificação da vítima e identificação da raça da vítima, visto que os casos de feminicídio contra mulheres negras têm maiores índices. Abaixo, os resultados nas categorias.

Tabela 1 - Título, data de publicação e identificação das vítimas de feminicídio nas reportagens analisadas de janeiro de 2023, no G1RS

Janeiro 2023			
Título e link de acesso	Publicação	Identifica a vítima com nome?	Identifica a raça da vítima?
<a href="#">Mulher é morta pelo companheiro com golpes de machadinho em Caxias do Sul</a>	06/01	“A vítima foi identificada pela polícia como Juliana Ferreira, de 39 anos.”	Não menciona ou mostra foto da vítima.
<a href="#">Atleta de queda de braço é morta baleada em Santo Antônio da Patrulha: ex-companheiro foi preso</a>	06/01	“Maraline Pardim Barbieri, de 45 anos, foi atingida nas costas pelo ex-companheiro”	Não menciona, mas apresenta fotografia da vítima, que é negra retinta.

Fonte: A autora.

Tabela 2 - Título, data de publicação e identificação das vítimas de feminicídio nas reportagens analisadas de fevereiro de 2023, no G1RS

Fevereiro 2023			
Título e link de acesso	Publicação	Identifica a vítima com nome?	Identifica a raça da vítima?
<a href="#">Jovem morre após ser baleada no pescoço pelo companheiro em Passo Fundo, diz polícia</a>	09/02	“a identidade da vítima será preservada pelo g1, pois isso poderia expor seus filhos.”	Não menciona ou mostra foto da vítima.
<a href="#">Polícia Civil apura se houve falha ou omissão em caso que terminou em feminicídio em Uruguaiana</a>	14/02	“Kelly Lidiane Moreira, 36 anos, esteve na delegacia na noite de sábado (11)”.	Não menciona raça, mas apresenta fotografia de uma mulher não negra.

<a href="#">Homem é preso após invadir casa e matar ex-companheira a facadas em Alvorada</a>	17/02	“...Débora Rosana Marques da Silva, 33 anos, e matá-la a facadas em Alvorada, na Região Metropolitana de Porto Alegre”	Não menciona ou mostra foto da vítima.
--	-------	--	--

Fonte: A autora.

Como é possível perceber nas tabelas acima, nenhuma das 5 reportagens analisadas, via Análise de Conteúdo (Bardin, 2011), menciona a raça da vítima. Dentre elas, apenas duas reportagens trazem fotos das vítimas. Dessas, apenas uma das vítimas é negra. Como dito anteriormente, mulheres negras representam 62% das vítimas de feminicídio no Brasil, mas há um pacto que ignora a morte sistemática.

### **Considerações provisórias**

Percebe-se que os veículos de comunicação precisam se dedicar e implementar dentro das redações, independente do formato, novas boas práticas, que abordam informações que vão além do fato por si só. Como mostra o Manual Universa, a raça das mulheres vítimas da violência deve ser levada em consideração na apuração das reportagens, ainda mais quando elas são a maioria nos índices de mortes por feminicídio e assassinato. No caso das cinco reportagens analisadas do veículo G1RS, entre janeiro e fevereiro, nenhuma delas cita a raça das vítimas.

Mesmo com a presença do manual de redação citado neste trabalho, é vital que cada veículo dedique tempo e esforços para criar suas próprias normas e orientações sobre assuntos tão comuns na pauta jornalística, mas que ainda não têm o cuidado necessário na hora de levar a informação ao público. Quando temas espinhosos são recorrentes, é necessário ir além do fato e olhar para os cruzamentos da violência, neste caso, a raça.

Os feminicídios não são eventos isolados e partem de uma complexa lógica de controle de poder biopatriarcal, ou seja, patriarcal, capitalista, colonial e racista, que impõe uma ordem hierárquica de gênero, classe e raça. Enquanto a mudança não começa a dar os primeiros passos, inclusive dentro das redações, só faz com que mais mulheres sejam vítimas do comportamento machista da sociedade patriarcal, em que um

homem acredita ter o direito e o poder de decidir como e até quando uma mulher irá viver.

## Referências

BARDIN, Laurance. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BENTO, Cida. **O Pacto de Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

G1RS. **Mulher grávida é morta pelo companheiro com golpes de machadinho em Caxias do Sul**. Rio Grande do Sul, 6 jan. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2023/01/06/mulher-gravida-e-morta-pelo-companheiro-com-golpes-de-machadinho-em-caxias-do-sul.ghtml>. Acesso em: 04 mai 2024.

\_\_\_\_\_. **Atleta de queda de braço é morta baleada em Santo Antônio da Patrulha; ex-companheiro foi preso**. Rio Grande do Sul, 6 jan. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2023/01/06/atleta-de-queda-de-braco-e-morta-baleada-em-santo-antonio-da-patrolha-ex-companheiro-foi-preso.ghtml>. Acesso em: 04 mai 2024.

\_\_\_\_\_. **Jovem morre após ser baleada no pescoço pelo companheiro em Passo Fundo, diz polícia**. Rio Grande do Sul, 9 fev. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2023/02/09/jovem-morre-apos-ser-baleada-no-pescoco-pelo-companheiro-em-passo-fundo-diz-policia.ghtml>. Acesso em: 04 mai 2024.

\_\_\_\_\_. **Polícia Civil apura se houve falha ou omissão em caso que terminou em feminicídio em Uruguaiana**. Rio Grande do Sul, 14 fev. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2023/02/14/policia-civil-apura-se-houve-falha-ou-omissao-em-caso-que-terminou-em-feminicidio-em-uruguaiana.ghtml>. Acesso em: 04 mai 2024.

\_\_\_\_\_. **Homem é preso após invadir casa e matar ex-companheira a facadas em Alvorada**. Rio Grande do Sul, 17 fev. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2023/02/17/homem-e-preso-apos-invadir-casa-e-matar-ex-companheira-a-facadas-em-alvorada.ghtml>. Acesso em: 04 mai 2024.

SOLNIT, Rebecca. **Os homens explicam tudo para mim**. Cultrix: São Paulo, 2017.

UNIVERSA UOL. **Manual Universa para Jornalistas: Boas Práticas na Cobertura da Violência Contra a Mulher**. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/11/25/universa-lanca-manual-para-jornalistas-cobrirem-violencia-contra-a-mulher.htm>. Acesso em: 04 mai 2024.